

O papel do humor no infoentretenimento: o caso do programa *Extremamente Desagradável*

Sofia Pereira

(Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria)

(1230071@my.ipleiria.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7337-2755>

Licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, mestre em Investigação e Ensino da Literatura Portuguesa e detentora de um Curso de Especialização Avançada em Literatura Portuguesa pela Universidade de Coimbra. Profissional na área das Ciências Sociais e Humanas, com um percurso consolidado de especialização nas práticas artísticas e culturais. Autora de diversos artigos publicados em revistas e jornais digitais, abordando temáticas relacionadas com a leitura, a cultura, o lazer e o entretenimento. Atualmente, frequenta o Mestrado em Comunicação e *Media* na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, e encontra-se a desenvolver a sua investigação no domínio da comunicação política.

Submissão: 26/02/2025

Aceitação: 14/05/2025

O papel do humor no infoentretenimento: o caso do programa *Extremamente Desagradável*

Resumo (PT): O presente artigo analisa o papel do humor enquanto prática comunicacional no contexto do infoentretenimento, com foco no programa de rádio *Extremamente Desagradável*, conduzido por Joana Marques. A investigação explora como o humor é utilizado para converter informação em entretenimento, examinando os formatos discursivos predominantes, os temas de atualidade abordados e os recursos mobilizados para envolver o público. Através de uma análise semiótica e de conteúdo dos episódios selecionados, o estudo revela que a sátira, a paródia e o sarcasmo são os principais mecanismos discursivos utilizados para desconstruir narrativas sociais e políticas, tornando-as mais acessíveis e propícias à reflexão crítica. Os temas explorados incluem figuras públicas, discursos políticos, controvérsias mediáticas e fenômenos culturais, selecionados de forma estratégica para amplificar a ressonância social do programa. A investigação conclui que o humor, ao transcender a sua função lúdica, atua como um veículo de educação e mobilização social, influenciando a percepção pública e fomentando o debate em torno de questões contemporâneas.

Palavras-chave: Infoentretenimento, Programas Humorísticos, Crítica Social e Política.

The role of humor in infotainment: the case of the program *Extremamente Desagradável*

Abstract (EN): The present article analyzes the role of humor as a communicational practice within the context of infotainment, focusing on the radio program *Extremamente Desagradável*, hosted by Joana Marques. The investigation explores how humor is used to transform information into entertainment, examining the predominant discursive formats, the current topics addressed, and the resources employed to engage the audience. Through a semiotic and content analysis of selected episodes, the study reveals that satire, parody and sarcasm are the primary discursive mechanisms used to deconstruct social and political narratives, making them more accessible and conducive to critical reflection. The explored themes include public figures, political speeches, media controversies, and cultural phenomena, strategically selected to amplify the program's social resonance. The study concludes that humor, by transcending its playful function, acts as a vehicle for education and social mobilization, influencing public perception and fostering debate around contemporary issues.

Keywords: Infotainment, Humorous Programs, Social and Political Criticism.

Introdução

Num contexto de transformações geopolíticas, económicas, sociais e culturais, o humor tem-se consolidado como um recurso discursivo de relevo na comunicação mediática, atuando como instrumento estratégico para a transmissão de informação e para a construção de representações sociais e políticas. A sua presença manifesta-se, de forma crescente, em formatos híbridos de comunicação, como o infoentretenimento, no qual se interligam práticas jornalísticas, publicitárias e de entretenimento, exigindo uma abordagem transdisciplinar para a sua compreensão.

Particularmente no cenário pós-pandemia de COVID-19, o humor revela-se um mecanismo discursivo capaz de facilitar a compreensão de questões complexas, ao mesmo tempo que estimula a reflexão crítica em torno de problemáticas sociais e políticas. Amplificado pelas plataformas digitais, alcança uma difusão sem precedentes, operando num espaço mediático marcado por tensões entre a liberdade de expressão e a regulação do discurso público. Nesse contexto, as produções humorísticas situam-se num território ambíguo, no qual as fronteiras entre sátira, insulto e preconceito se tornam fluidas, exigindo uma análise aprofundada das suas implicações éticas, culturais e políticas (Charaudeau, 2006; Baumgartner & Becker, 2020).

A pandemia de COVID-19 reforçou, ainda, a necessidade de adaptação das práticas mediáticas, nomeadamente no setor radiofónico, evidenciando a capacidade das emissoras para responder aos desafios emergentes. Conforme sublinham Gustavo Cardoso et al., os profissionais da rádio, mesmo num contexto de “constrangimento de negócio”, demonstraram resiliência ao diversificarem as suas práticas, adaptando-se rapidamente ao trabalho remoto e à produção de conteúdos em múltiplos formatos digitais, como o *streaming* e as redes sociais (Cardoso, Baldi, Quintanilha & Paisana, 2020, p. 30). Este ambiente mediático em transformação potenciou a utilização do humor como ferramenta discursiva para comunicar e interpretar a realidade em constante mudança, consolidando o seu papel no discurso contemporâneo.

Este estudo propõe analisar o humor enquanto prática comunicacional e instrumento de representação social e política no contexto do infoentretenimento, tomando como objeto de análise o programa *Extremamente Desagradável*, reconhecido pelo seu elevado alcance e pela utilização diversificada de registos humorísticos. A investigação estrutura-se em torno das seguintes questões:

- i) Quais os formatos predominantes na conversão da informação em entretenimento?
- ii) Quais os temas da atualidade selecionados como alvo de humor?
- iii) Que elementos discursivos são mobilizados para promover o envolvimento do público através do humor?

A análise de conteúdo é complementada por uma abordagem semiótica, proporcionando uma leitura aprofundada dos processos de significação subjacentes ao discurso humorístico. No livro *Elementos de semiologia*, cuja publicação original data de 1964, Barthes (2018) analisa a semiótica como um campo que possibilita a investigação das diversas camadas de significado, tendo em conta a inter-relação entre o nível denotativo, associado ao sentido literal, e o nível conotativo, marcado por significados implícitos, moldados por contextos culturais e sociais. Os recursos discursivos, como a ironia, o sarcasmo, a paródia, a hipérbole e o duplo sentido, são analisados enquanto componentes semióticos que, ao serem interpretados pelo público, não geram apenas efeitos humorísticos, mas também veiculam críticas de carácter social e político.

Pretendemos, assim, compreender o humor não apenas como recurso estilístico, mas como prática discursiva que influencia a construção de representações sociais, questiona normas estabelecidas e fomenta o debate público. A abordagem semiótica permite, ainda, examinar as tensões interpretativas geradas pelo humor, especialmente num ambiente mediático caracterizado pela pluralidade de públicos e pela fluidez das fronteiras entre o discurso aceitável e o discurso ofensivo. Em última instância, este estudo visa aprofundar a compreensão do humor enquanto estratégia discursiva multifacetada, refletindo sobre o seu papel na configuração do discurso mediático contemporâneo.

1. Enquadramento teórico

1.1. Evolução do humor: perspetivas filosóficas, culturais e sociais

A história do humor constitui um fenómeno multifacetado, cuja evolução se estende desde o pensamento filosófico da Antiguidade até à comédia *stand-up* contemporânea. Este percurso reflete transformações culturais, normas sociais e avanços tecnológicos, destacando-se como um elemento central na interação humana e na educação.

Desde a Antiguidade, o humor tem sido objeto de reflexão filosófica. Aristóteles e Platão reconheciam a sua potencialidade pedagógica, incorporando-o em práticas educativas com vista a promover a aprendizagem e o envolvimento dos indivíduos.

Simultaneamente, as obras de caráter humorístico de dramaturgos como Aristófanes evidenciam a sua importância na análise crítica das normas sociais e do contexto político, estabelecendo um fundamento para futuras manifestações do gênero cômico (Dokuchaev & Derenchuk, 2024).

No âmbito das tradições religiosas, o humor surgiu como um instrumento para abordar questões teológicas complexas e a experiência humana. Os textos religiosos primitivos recorriam frequentemente a elementos humorísticos para revelar incongruências nas representações divinas, evidenciando as tensões entre as doutrinas estabelecidas e a realidade cotidiana. Esta utilização do humor proporcionava uma análise reflexiva das normas e crenças sociais, desempenhando um papel fundamental na interpretação crítica das estruturas religiosas (Dijkstra & van der Velde, 2022).

O humor tem sido igualmente investigado a partir de uma abordagem cognitiva e cultural. As pesquisas fundamentadas na linguística cognitiva demonstram que os valores culturais e os estereótipos exercem uma influência significativa na percepção e interpretação do humor em distintos contextos nacionais (Temes, 2023).

Do ponto de vista evolutivo, o humor é conceptualizado como uma emoção universal com funções sociais distintas, tais como a facilitação da coesão grupal e o reforço das relações interpessoais. As investigações recentes sugerem que a valorização do humor está correlacionada com o bem-estar psicológico, indicando que a sua função vai além da simples dimensão lúdica, desempenhando um papel fundamental na adaptação social e na resiliência emocional (Weisfeld & Weisfeld, 2024).

A comédia *stand-up*, enquanto manifestação particular do humor, passou por uma transformação significativa a partir do século XIX. Neste contexto, figuras como Mark Twain desempenharam um papel precursor ao integrar elementos narrativos e humorísticos em apresentações públicas. No século XX, verificou-se a diversificação de estilos cômicos, moldados por diferentes contextos culturais, incluindo circuitos segregados para comediantes negros e brancos, cuja influência foi determinante na configuração do panorama humorístico nos Estados Unidos da América (Meier, 2023).

Embora, ao longo da história, o humor tenha sido amplamente utilizado como um mecanismo de educação e crítica social, também pode desempenhar um papel na exclusão e estigmatização. Em contextos contemporâneos, determinadas expressões humorísticas podem perpetuar estereótipos ou aprofundar divisões sociais, evidenciando a sua natureza ambivalente e destacando a importância de uma avaliação crítica do seu impacto nas dinâmicas socioculturais.

Apesar de estar historicamente estabelecido como um instrumento pedagógico e um veículo de crítica social, o humor também levanta questões acerca da reprodução de estereótipos e de dinâmicas sociais controversas. A sua trajetória ao longo do tempo reflete mudanças culturais mais amplas e insere-se num debate contínuo sobre a sua influência na sociedade contemporânea.

1.2. O humor e o *agenda-setting*

A comunicação política tem passado por transformações significativas nas últimas décadas, com o humor a afirmar-se como um instrumento central na difusão de informação e na mobilização social. Esta transformação é suportada por evidências empíricas que destacam o humor como um meio alternativo de comunicação política, proporcionando uma abordagem crítica e, frequentemente, satírica sobre questões de relevância pública. García & Ángel (2014), ao examinar o programa *Os Guinols*, demonstra como o humor pode complementar os meios tradicionais de informação política, oferecendo uma interpretação diferenciada dos acontecimentos. Embora o seu impacto na formação de opiniões políticas individuais seja indireto, o humor pode desempenhar um papel na amplificação ou atenuação de perspetivas preexistentes.

Além disso, investigações como a de Kowalewski (2012) demonstram que programas humorísticos de carácter informativo, como *The Daily Show* e *The Colbert Report*, se revelam particularmente eficazes na transferência da importância dos temas abordados, sobretudo quando o público manifesta discordância em relação às notícias veiculadas pelos meios de comunicação tradicionais.

Nestes casos, o impacto destes programas pode superar o dos meios de comunicação convencionais na definição das agendas públicas, influenciando diretamente a perceção de determinados temas e a importância que lhes é atribuída. A sátira política, em particular, assumiu um papel de relevo nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2008, com programas como *The Colbert Report* a emergirem como instrumentos mediáticos influentes. Através de uma abordagem satírica, estes formatos conseguiram direccionar a atenção do público para questões centrais, como a crise económica, contribuindo de forma significativa para a construção da agenda política em momentos-chaves do processo eleitoral. Paralelamente, *The Daily Show* transcende a simples categorização como entretenimento humorístico, afirmando-se como um indicador

relevante das mudanças nos padrões de consumo mediático e na forma como a sociedade contemporânea interpreta e absorve a informação noticiosa:

O que se observa, portanto, na resposta jornalística a *The Daily Show*, nos seus primeiros cinco anos com Stewart como apresentador, é que o programa não é compreendido como uma ameaça à legitimidade das notícias sérias, mas, sim, como um desafio aos meios de comunicação para que reflitam de forma mais ampla e responsável sobre o que o jornalismo deve representar na atualidade (Feldman, 2007, p. 421).¹

Ao desafiar as normas tradicionais do jornalismo, o programa fomenta debates fundamentais sobre a credibilidade, a objetividade e a função dos meios de comunicação no âmbito democrático.

Neste contexto, é relevante destacar que as Ciências da Comunicação se estabeleceram como uma disciplina independente no campo das Ciências Sociais, em grande parte devido ao processo de mediatização, que permite analisar os fenômenos sociais a partir da influência dos *media*. Este processo fundamenta-se em referenciais teóricos desenvolvidos por autores como Max Weber, Stuart Hall, Habermas, Lippmann, Benjamin e Adorno, cujas perspectivas contribuíram para a construção do conhecimento sobre as dinâmicas comunicativas contemporâneas. Além disso, a mediatização sublinhou a relevância da teoria dos efeitos, evidenciada por conceitos como o agendamento (McCombs & Shaw, 1972), a tematização (Luhmann, 1971), o *priming* (Iyengar & Kinder, 1987) e a espiral do silêncio (Noelle-Neumann, 1974), que influenciam de forma determinante a percepção e a priorização de temas por parte dos públicos (Camponez, Baldi, Quintanilha & Paisana, 2020, p. 129).

A influência do humor na definição da agenda política torna-se ainda mais evidente em função da relação dos espectadores com os meios de comunicação tradicionais. Em contextos onde a informação convencional é contestada ou rejeitada, o humor assume um papel central, promovendo uma recepção e discussão das questões políticas de forma menos defensiva. Nesse sentido, surge como um mecanismo essencial para captar a atenção do público e fomentar o debate sobre temas de relevância política e social.

Além disso, a sátira política e social tem-se revelado um instrumento eficaz na amplificação da relevância de determinados temas na agenda pública. Estudos como o de Boukes (2019) sobre o impacto do humor na consciencialização do TTIP (Transatlantic

¹ Tradução livre.

Trade and Investment Partnership) revelaram que a sátira pode incrementar significativamente o nível de atenção pública dada a temas específicos. Este efeito é potencializado pela adaptação dos meios jornalísticos ao ambiente das redes sociais, onde a interatividade promove a difusão de conteúdos humorísticos, permitindo alcançar audiências mais vastas e diversificadas.

O agendamento continua a desempenhar um papel central nas dinâmicas comunicacionais do ecossistema digital, tendo o seu valor analítico sido ampliado pelo desenvolvimento das novas tecnologias (McCombs, 2014, citado por Camponez, Ferreira & Rodríguez-Días, 2020, p. 189). Contudo, compreender plenamente este fenómeno implica reconhecer a complexidade dos contextos mediáticos atuais, o que exige metodologias plurais e abordagens heurísticas capazes de captar configurações causais múltiplas e interdependentes (Furnari et al., 2020).

A emergência dos novos *media* e da esfera digital transformou radicalmente o ecossistema comunicacional, impondo um modelo de comunicação baseado em rede, caracterizado por fluxos descentralizados, elevados níveis de interatividade e a combinação de mecanismos de mediação interpessoal e de massa (Cardoso & Moreno, 2016). Neste novo ambiente, os utilizadores deixam de ser meros recetores passivos para se tornarem *prosumers* — produtores e consumidores de conteúdos —, desafiando o conceito tradicional de audiência e promovendo uma comunicação mais horizontal e participativa (Bruns, 2008). A proliferação de redes digitais e a possibilidade de qualquer indivíduo atuar como modo de produção e redistribuição de informação contribuem para a redefinição dos processos comunicacionais, promovendo uma esfera pública mais fragmentada e diversa.

Neste contexto, a transformação do ambiente mediático conduziu igualmente a uma profunda reconfiguração dos processos de *agenda-setting*. Surgem novas dinâmicas, como o agendamento intermediático (Reese & Danielian, 1989, citado por Camponez, Ferreira & Rodríguez-Días, 2020, p. 190), que evidencia a interdependência entre diferentes plataformas e fontes de informação, dissolvendo as fronteiras entre *media* tradicionais e digitais. Esta complexidade revela que a análise das agendas pública, política e mediática deve adotar uma perspetiva abrangente, integrando os fluxos comunicativos descentralizados promovidos pelas redes digitais. Adicionalmente, fenómenos como o *agenda melding* — a fusão das agendas mediáticas e pessoais (Shaw & McCombs, 1994) — e o *reverse agenda-setting*, em que os públicos passam a influenciar a definição das agendas dos *media* tradicionais (Meraz, 2009), sublinham a

necessidade de reconsiderar os papéis de influência e poder na circulação da informação. Também o tradicional papel do *gatekeeping* sofre mutações profundas, sendo agora desempenhado por algoritmos e plataformas digitais, que selecionam, filtram e moldam os conteúdos a que os utilizadores têm acesso (Shoemaker & Vos, 2009; Pariser, 2011). Assim, o ambiente digital não só amplifica a participação ativa dos cidadãos, como também reconfigura as dinâmicas de construção da realidade socialmente partilhada.

No entanto, a eficácia do humor como instrumento de comunicação política depende de fatores contextuais, nomeadamente a predisposição dos espectadores e o ambiente mediático dominante. Embora a sua aplicação universal apresente desafios, o humor tem-se consolidado como um recurso significativo para sensibilizar a opinião pública sobre questões políticas e sociais. Assim, torna-se essencial aprofundar a investigação sobre o seu impacto na formação da opinião pública e na configuração da agenda mediática, especialmente num cenário marcado pela intensificação da polarização política e pela crescente digitalização da informação (Bennett & Iyengar, 2008, citado por Camponez, Ferreira & Rodríguez-Días, 2020, p. 198).

Deste modo, os resultados sugerem que a teoria do agendamento continua a ser uma ferramenta analítica relevante para o estudo da comunicação mediada, embora exija adaptações metodológicas que permitam abordar a complexidade do ecossistema digital. A investigação futura deverá concentrar-se nas interações dinâmicas entre os diversos atores e plataformas, reconhecendo que a construção das agendas públicas é um processo interativo e em permanente evolução. Compreender esta dinâmica é fundamental para analisar a transformação da comunicação política num cenário caracterizado pela polarização, pela digitalização da informação e pelo crescente impacto das redes sociais na definição das prioridades sociais e políticas (Castells, 2012, citado por Camponez, Ferreira & Rodríguez-Días, 2020, p. 139).

1.3. O papel do humor nos programas de infoentretenimento

O humor desempenha uma função essencial nos programas de infoentretenimento, operando simultaneamente como um fator de envolvimento do público e um facilitador da compreensão de conceitos complexos. Esta abordagem não só intensifica a experiência de fruição do espectador, como também favorece a retenção da informação, tornando conteúdos de elevada densidade cognitiva mais acessíveis ao público em geral.

De acordo com Almeida e Sousa (2024), verifica-se uma correlação entre a frequência de episódios de riso em determinados programas e o aumento da sua audiência, o que evidencia o humor como um elemento eficaz na captação da atenção do público. Além disso, os autores apontam que as apresentadoras suscitam um maior número de risos, sugerindo que as dinâmicas de género desempenham um papel relevante na forma como o público responde ao infoentretenimento.

A utilização do humor como meio de simplificação de informações complexas contribui para a acessibilidade e compreensão por parte de públicos heterogéneos. Nesse sentido, García (2019) defende que esta estratégia é fundamental para a construção de uma cultura popular em torno desses programas, promovendo um vínculo mais sólido entre os espectadores, o conteúdo apresentado e os seus anfitriões.

No âmbito do comentário político e social, o humor constitui um recurso para a abordagem de questões sensíveis e de forte carga política. Lecheler & de Vreese (2019) destacam que, apesar de esses programas poderem fomentar a mobilização e influenciar perceções, também possuem o potencial de acentuar a polarização de opiniões.

Adicionalmente, Salgado (2011) enfatiza o papel central do humor nestes programas, evidenciando a sua eficácia na captação da atenção do público, na simplificação de conteúdos complexos e no enriquecimento do material de entretenimento. Este recurso articula componentes lúdicos e informativos, resultando num formato singular que não apenas cativa os espectadores, mas também contribui para a difusão de notícias de forma mais acessível e envolvente.

1.4. O humor na construção de narrativas políticas e sociais

O humor exerce um papel fundamental na formação e transformação das representações sociais e políticas, constituindo-se como um mecanismo de crítica, mobilização e influência no discurso público. Enquanto fenómeno sociocultural, contribui tanto para a legitimação como para a contestação de normas e estruturas de poder, influenciando perceções coletivas e dinâmicas de interação social e política. A sua expressão verifica-se em múltiplos meios e formatos, incluindo a televisão, a rádio, as redes sociais, a comunicação política institucional e o ativismo, desempenhando um papel central na forma como indivíduos e grupos interpretam as realidades políticas e sociais e reagem a estas.

A relação entre humor e discurso político evidencia a convergência entre entretenimento e influência social, dado que o humor pode tanto reforçar narrativas hegemónicas como

desafiar estruturas estabelecidas. Programas televisivos como *Gutfeld!* ilustram a forma como a comédia política pode atuar como um meio de difusão de ideologias partidárias, contribuindo para a consolidação de determinadas representações políticas e sociais (Zhang, 2023). Simultaneamente, formatos humorísticos alternativos assumem uma função crítica ao questionar lideranças, políticas públicas e discursos institucionais, estimulando uma reflexão mais aprofundada sobre temas de relevância social. Dessa forma, o humor não se limita a refletir a opinião pública, mas participa ativamente na sua construção, constituindo-se como um elemento fundamental na configuração das representações sociais da política.

No âmbito da comunicação política e social, o humor configura-se como uma estratégia discursiva de elevada eficácia, permitindo a adaptação a cenários políticos complexos e a ampliação do alcance comunicacional. A sátira, em particular, viabiliza a crítica a opositores políticos de modo indireto, evitando confrontos diretos e fortalecendo a ligação com segmentos específicos do eleitorado (Surahmat & Wijana, 2023). Para além da sua função crítica, o humor pode ser empregado como um recurso para humanizar a imagem de líderes políticos, atenuando a distância entre governantes e cidadãos e promovendo uma percepção de maior proximidade e acessibilidade. Deste modo, o humor não apenas influencia a construção da representação política das figuras públicas, mas também molda as formas como estas são percebidas pela sociedade.

No ambiente digital, os memes surgem como um meio eficaz de representação social e política, ao sintetizarem mensagens complexas em formatos acessíveis e de rápida propagação. Esses conteúdos humorísticos articulam elementos semióticos e narrativos que desempenham um papel relevante na legitimação ou desconstrução de discursos políticos, consolidando-se como componentes centrais da comunicação política contemporânea (Rezeki et al., 2024). A sua ampla difusão nas redes sociais possibilita que atuem como instrumentos de contestação e ressignificação de narrativas hegemónicas, contribuindo ativamente para os processos de construção simbólica da realidade política. O seu impacto advém, em grande parte, da capacidade de integrar humor e crítica, configurando um espaço discursivo híbrido no qual as fronteiras entre entretenimento, ativismo e política se tornam progressivamente mais permeáveis.

No âmbito dos movimentos sociais, o humor tem sido amplamente empregado como uma estratégia de resistência e mobilização, funcionando como um instrumento de contestação e de fortalecimento da identidade coletiva. Por meio da paródia, da ironia e da sátira, grupos ativistas e comunidades marginalizadas desafiam representações sociais

dominantes, desconstruem discursos opressivos e promovem novas formas de interpretação e envolvimento político (Takovski, 2019). No entanto, o humor raramente atua de forma isolada, sendo frequentemente integrado noutras estratégias discursivas e organizacionais que ampliam o seu alcance e impacto na esfera pública.

Embora desempenhe um papel significativo na construção da representação social e política, o humor apresenta desafios e limitações que requerem uma análise cuidadosa. Em certos contextos, pode contribuir para a banalização de questões sociais e políticas complexas, simplificando o debate e desviando o foco da necessidade de soluções estruturais. Além disso, a sátira política pode intensificar processos de polarização social, ao reforçar estereótipos e acirrar antagonismos, dificultando a promoção de um diálogo democrático e inclusivo. Deste modo, a natureza ambivalente do humor evidencia a importância de uma avaliação crítica do seu impacto, tanto na formação da opinião pública quanto nas dinâmicas de representação social.

Em conclusão, o humor representa um recurso discursivo de significativa importância na construção das representações sociais e políticas, influenciando a perceção coletiva, as dinâmicas de poder e as formas de participação cívica. O seu impacto vai além do âmbito do entretenimento, assumindo uma função estruturante na formulação dos discursos políticos e sociais contemporâneos. No entanto, a sua eficácia e os seus efeitos são condicionados pelo contexto em que é utilizado, pelas intenções dos emissores e pela interpretação dos diferentes públicos, tornando essencial uma abordagem interdisciplinar que possibilite uma compreensão abrangente do seu papel nas sociedades atuais.

2. Metodologia

2.1. Problemática, objetivos e *corpus* de análise

Partindo da questão de investigação “De que modo o humor se configura como prática comunicacional e instrumento de representação social e política no contexto do infoentretenimento?”, este estudo tem como objetivo geral analisar como o humor se configura enquanto prática comunicacional e instrumento de representação social e política no contexto do infoentretenimento. Como objetivos específicos, propõe-se: 1) identificar e analisar os formatos predominantes na transformação da informação em entretenimento; 2) investigar os temas da atualidade selecionados como alvo do humor;

e 3) examinar os elementos discursivos mobilizados com vista a promover o envolvimento do público.

Considerando a abordagem qualitativa deste estudo, que exige uma análise minuciosa e interpretativa dos dados, optou-se por um *corpus* de análise mais restrito em comparação com outras metodologias. Esta escolha não apenas se adequa aos critérios metodológicos adotados, mas também visa garantir a representatividade e a diversidade da amostra. Assim, foram selecionados os episódios do programa *Extremamente Desagradável*, conduzido por Joana Marques, transmitidos na primeira semana de janeiro de 2025 (de 6 a 10 de janeiro), período que tradicionalmente favorece momentos de reflexão, balanço e projeção para o novo ano. A escolha criteriosa do *corpus*, aliada a uma fundamentação metodológica rigorosa, permitiu estruturar a análise de forma robusta, proporcionando um alicerce sólido para as conclusões deste estudo.

A rubrica *Extremamente Desagradável* integra o programa *As Três da Manhã* e é transmitida na Rádio Renascença às 8h15, de segunda a sexta-feira. Nesta secção, Joana Marques analisa temas e figuras que marcam a atualidade, incorporando na emissão os principais *sound bites* do dia. A diversidade de personalidades abordadas inclui desde figuras políticas e celebridades da cultura popular até comentadores, gurus de autoajuda, jogadores de futebol e profissionais de segurança, cuja exposição pública contribui, ainda que de forma não intencional, para o desenvolvimento do conteúdo da rubrica. Embora a apresentadora adote um tom aparentemente conciliador e diplomático, o seu discurso caracteriza-se por um humor específico, pautado pela ironia e pela sátira. Cada episódio, que conta igualmente com a participação de Ana Galvão e Inês Lopes Gonçalves concentra-se análise de um evento ou notícia relevante da atualidade mediática nacional, promovendo uma leitura crítica e satírica das declarações proferidas em entrevistas televisivas, intervenções radiofónicas ou publicações nas redes sociais.

2.2. Resultados e discussão

Com base no objetivo traçado para esta investigação, considera-se fundamental não apenas a análise de episódios específicos, mas também a examinação da estrutura organizacional do programa, dos seus principais componentes e da equipa responsável pela elaboração e difusão da mensagem junto do público.

O guião do programa baseia-se na criatividade da humorista Joana Marques, cuja trajetória na Rádio Renascença lhe conferiu amplo reconhecimento, tendo sido

distinguida, em 2022, com o Globo de Ouro na categoria de “Personalidade do Ano — Digital”. Enquanto figura de destaque no panorama humorístico nacional, é responsável pelo processo criativo e pela produção dos conteúdos, assegurando a consistência discursiva e estilística do programa.

Dessa forma, após a visualização dos episódios, adotou-se a análise temática qualitativa, doravante referida como AT, como método para a interpretação dos dados recolhidos, seguindo as diretrizes estabelecidas por Braun e Clarke.

A análise temática (AT) é um método qualitativo destinado à identificação, análise, interpretação e comunicação de padrões recorrentes, designados como temas, presentes nos dados (Braun & Clarke, 2006, p. 79). Esta abordagem metodológica permitiu a organização e descrição detalhada do conjunto de dados recolhidos, bem como uma exploração aprofundada das diversas dimensões do objeto de estudo. O principal objetivo consistiu em examinar os temas da atualidade selecionados como alvo do humor, assim como os formatos predominantes na transformação da informação em entretenimento. No âmbito desta investigação, optou-se por uma abordagem indutiva, na qual os temas foram construídos a partir dos dados emergentes, sem a imposição prévia de categorias predefinidas. Esse procedimento possibilitou que a análise fosse conduzida pelas percepções e significados expressos nos episódios, articulando-se com os interesses teóricos e com o estado da arte que fundamentam o estudo.

No âmbito da análise semiótica, adotou-se a abordagem teórica de Roland Barthes (2018), que propõe a estratificação do significado das mensagens em duas camadas distintas: a denotação, que proporciona uma compreensão imediata e amplamente consensual, e a conotação, na qual a forma, enquanto signo representacional, transmite significados secundários, implícitos e ideologicamente marcados. Nesse contexto, os produtos de comunicação e *media* configuram-se como expressões de um dualismo semiótico, sendo responsabilidade da investigadora decodificar as estruturas simbólicas que interligam cultura, conhecimento e história, numa perspetiva tanto individual quanto coletiva.

Cada um dos programas foi examinado de forma individual, seguindo-se a respetiva análise e discussão. A apresentação dos resultados obedece a uma organização cronológica, garantindo uma estrutura sequencial e coerente da informação:

i) “2025: Vêm aí os ETs” (6 de janeiro de 2025)

A análise do episódio centra-se nas previsões astrológicas para o ano de 2025 apresentadas pela taróloga Joana Dias no programa televisivo *Dois às 10*. Estas previsões encontram-se estruturadas por signo astrológico, incidindo sobre quatro dimensões essenciais: relações amorosas, atividade profissional, saúde e gestão financeira. Segundo as previsões apresentadas, o ano de 2025 será marcado por um contexto particularmente favorável a oportunidades e desenvolvimento pessoal, influenciado pela presença destacada de Vénus e Néptuno, astros descritos como catalisadores de vínculos emocionais profundos. Adicionalmente, salienta-se a relevância simbólica da cor amarela, associada a conceitos de positividade e dinamismo.

No âmbito da análise semiótica efetuada, identificam-se dois níveis distintos de significação: o nível denotativo e o nível conotativo. No nível denotativo, o episódio transmite as previsões enquanto orientações astrológicas objetivas, explicitando uma relação direta entre fenómenos celestes e eventos da vida pessoal e social. Cada signo é contemplado com orientações específicas, abordando situações como desafios emocionais, alterações na esfera profissional e recomendações para a proteção da saúde mental.

O vídeo em análise apresenta um subtexto marcado pela ironia, no qual a representação de seres extraterrestres transcende a sua interpretação literal, configurando-se como uma crítica implícita à credibilidade das previsões astrológicas. A associação entre a figura dos extraterrestres e o discurso astrológico enfatiza a trivialização das narrativas preditivas, frequentemente exploradas como forma de entretenimento, em detrimento do seu potencial enquanto ferramenta de introspeção e autoconhecimento.

Esta construção semiótica instaura uma reflexão crítica sobre os processos de mediação informativa, na qual a alegada “invasão” de seres extraterrestres funciona como uma metáfora para os mecanismos de manipulação mediática e a disseminação do pânico coletivo. A representação dos extraterrestres como o “Outro” sugere a presença de forças exógenas — sejam elas de natureza cultural, política ou tecnológica — que desafiam a ordem estabelecida, fomentando sentimentos de alienação e desconfiança face ao desconhecido.

O recurso a estratégias discursivas baseadas no humor e na ironia reforça a dimensão crítica da narrativa, evidenciando a predisposição social para reações desproporcionadas face a informações descontextualizadas ou desprovidas de fundamento. A ironia, enquanto recurso estilístico de natureza multifacetada, caracteriza-se pela criação de uma discrepância implícita entre o sentido literal e o sentido pretendido, funcionando como

um mecanismo que enriquece simultaneamente as dimensões estética e pragmática do texto (Tavadze, 2024). A sua eficácia reside na complexidade inerente ao processo interpretativo, dado que a ironia depende fortemente do contexto comunicacional, da capacidade hermenêutica do público e da articulação com outros dispositivos retóricos. Nesse sentido, configura-se como uma ferramenta particularmente poderosa na produção literária e no discurso social, ao introduzir camadas adicionais de significado e promover o distanciamento crítico face às representações convencionais.

Assim, a carga simbólica das imagens e dos efeitos visuais mobilizados contribui para a desconstrução das narrativas dominantes, sugerindo que a figura do “extraterrestre” encarna, em última instância, a materialização do inesperado e das dinâmicas que desafiam o *statu quo*.

Dessa forma, para além de apresentar previsões astrológicas, o episódio analisa a estrutura discursiva e o impacto sociocultural dessas práticas, evidenciando a tensão entre a sua dimensão simbólica e a falta de suporte empírico ou validação científica.

ii) “Previsões ED: O Julgamento do Ano” (7 de janeiro de 2025)

O episódio “Previsões ED: O Julgamento do Ano” apresenta uma análise satírica dos julgamentos mediáticos e dos processos judiciais previstos para o ano de 2025. Através de um registo humorístico, Joana Marques adota uma abordagem crítica ao sistema judicial português, explorando, por meio do discurso irónico, as suas incongruências e paradoxos. Esta análise destaca fragilidades e incoerências no funcionamento da justiça, evidenciando os desafios inerentes à sua aplicação e perceção pública.

Embora os casos específicos satirizados no episódio não sejam apresentados de forma detalhada, a sua escolha indica uma proximidade com temas jurídicos de ampla repercussão pública. É relevante salientar que a abordagem do episódio se baseia em processos judiciais intensamente mediatizados em Portugal, incluindo aqueles representados no programa *A Sentença*, transmitido pela TVI. Dessa forma, o episódio vai além do mero entretenimento, assumindo-se como um instrumento de análise crítica sobre as dinâmicas do sistema judicial e as suas implicações socioculturais.

Do ponto de vista da análise semiótica, a interpretação do episódio pode ser estruturada em duas dimensões essenciais: a denotativa e a conotativa. A dimensão denotativa corresponde ao significado literal do conteúdo, nomeadamente as previsões humorísticas sobre julgamentos previstos para o ano, apresentadas num formato vídeo, acessível ao

público. Já a dimensão conotativa remete para significados implícitos, traduzindo uma crítica social subjacente. Esta crítica incide sobre a morosidade dos processos judiciais, as controvérsias associadas a determinados casos e o papel dos meios de comunicação social na construção da perceção pública da justiça.

Neste contexto, o uso do duplo sentido constitui uma estratégia discursiva central, que permite combinar uma leitura superficial de teor cómico com uma interpretação mais profunda e crítica. Numa primeira impressão, o episódio surge como uma paródia das previsões jurídicas para 2025; no entanto, essa camada de humor encobre uma crítica incisiva às disfunções do sistema. Tal duplicidade decorre da ambiguidade inerente ao discurso humorístico, que pode manifestar-se tanto no aspeto lexical — com palavras que admitem múltiplos significados — como no aspeto sintático, através de construções que geram interpretações ambivalentes. O contexto comunicativo desempenha um papel determinante na descodificação dessas ambiguidades, conduzindo o público entre sentidos literais e simbólicos. Esta dualidade não só potencia o efeito humorístico, como também funciona como um recurso expressivo eficaz para introduzir a crítica social por via de estratégias narrativas acessíveis e envolventes (Mayuuf & Nashaat, 2021).

iii) “Artista do Ano: José Cid” (8 de janeiro de 2025)

O episódio recorre à ironia como estratégia narrativa para examinar a autoperceção do cantor, utilizando a atribuição fictícia do título de “Artista do Ano 2025” como uma hipérbole satírica que evidencia o egocentrismo frequentemente associado à figura do artista. A referência ao “livro do ego de José Cid”, alegadamente composto por 127 volumes, reforça essa crítica através do exagero, funcionando como um recurso retórico que simboliza uma autoconfiança exacerbada. Este mecanismo humorístico sublinha a discrepância entre a autoimagem das figuras públicas e a perceção social que delas se constrói, contribuindo para a representação do cantor como um exemplo de autoexaltação.

Joana Marques recorre ao humor como um instrumento de análise crítica para problematizar a legitimidade do reconhecimento público quando este assenta predominantemente na autopromoção, em vez de refletir um mérito artístico efetivo. A nomeação irónica de José Cid destaca a discrepância entre a visibilidade mediática e a sua relevância no panorama artístico atual, ilustrando de que forma a construção da

imagem pessoal pode, em determinados contextos, prevalecer sobre a valorização da produção cultural contemporânea.

No episódio que tem José Cid como figura central, a paródia é utilizada como instrumento discursivo para expor, de forma humorística, os excessos associados à construção da imagem pública das figuras mediáticas. A nomeação ficcional como “Artista do Ano 2025” e a referência hiperbólica a um “livro do ego” com 127 volumes funcionam como simulações grotescas de práticas reais de autopromoção, revelando o desfasamento entre o prestígio autoatribuído e a relevância artística efetiva. Este tipo de abordagem insere-se no domínio do humor paródico, que se caracteriza pela recriação deformada de discursos existentes, com o objetivo de provocar o riso e, simultaneamente, incentivar uma leitura crítica. Tal como refere Mendez García de Paredes (2014), a eficácia da paródia depende do reconhecimento, por parte do público, do modelo discursivo original e das convenções culturais e situacionais que lhe dão sentido. Ao assentar em conhecimento partilhado, a paródia gera humor através do desvio e da incongruência, tornando-se, neste episódio, uma ferramenta particularmente eficaz para refletir sobre a valorização simbólica e os mecanismos de legitimação no espaço da cultura da celebridade.

A utilização da hipérbole possibilita a formulação de uma crítica implícita, estimulando a reflexão sobre os mecanismos de valorização social no âmbito da cultura da celebridade. Enquanto figura de estilo associada ao humor, a hipérbole amplifica expressões além do seu significado literal, gerando um efeito cómico através do exagero (Yuldoshev, 2017). Neste contexto, o episódio vai além da simples paródia, ao explorar de que forma as figuras públicas constroem e reajustam as suas narrativas com o propósito de manter o seu estatuto e assegurar a continuidade simbólica do seu legado artístico. Ao acentuar o impacto emocional e reforçar a capacidade crítica da audiência, a hipérbole revela-se um instrumento eficaz na desconstrução das representações sociais estabelecidas.

Do ponto de vista semiótico, a denotação evidencia a inexistência literal da obra referida, enquanto a conotação remete para uma crítica implícita ao discurso autocentrado de José Cid, manifestado nas suas recorrentes afirmações de superioridade artística. Ao recorrer à sátira na representação da construção da imagem pública do cantor, o episódio amplia a crítica individual para uma reflexão mais extensa sobre a valorização da autopromoção e das narrativas de exaltação pessoal no espaço mediático. Dessa forma, Joana Marques utiliza o humor como estratégia discursiva para questionar os limites entre uma autoconfiança legítima e a perceção de narcisismo.

iv) “O Rei da Patagónia” (9 de janeiro de 2025)

O episódio “O Rei da Patagónia” explora questões de significativa relevância cultural e social, nomeadamente a construção da autoperceção, as dinâmicas do meio artístico e os discursos mediáticos. A abordagem crítica de Joana Marques evidencia o papel do humor enquanto instrumento de análise e desconstrução de narrativas e comportamentos amplamente difundidos no espaço público, promovendo uma reflexão crítica sobre estas temáticas.

Um dos temas centrais do episódio é a manifestação do ego e de uma autoconfiança exacerbada, refletida nas declarações de José Cid acerca da sua importância e posição no meio artístico. A análise evidencia como a sua autoperceção transcende a simples valorização pessoal, configurando-se como um discurso autorreferencial que se aproxima da megalomania. Esta perspetiva revela a construção de uma identidade pública alicerçada na autoexaltação e na crença na sua superioridade criativa.

Em paralelo, destaca-se a temática da celebridade e da cultura pop, evidenciada pelas estratégias discursivas empregadas por figuras públicas na construção e consolidação da sua imagem. José Cid representa um caso emblemático de como o reconhecimento mediático pode ser influenciado não apenas pela sua produção artística, mas também pela projeção de uma personalidade excêntrica e pelo recurso a declarações controversas, frequentemente utilizadas como mecanismo de autopromoção.

A crítica social subjacente ao episódio fomenta uma reflexão sobre a dicotomia entre o reconhecimento nacional e internacional. A autopromoção de José Cid como “Rei da Patagónia” pode ser interpretada como uma estratégia de compensação face à perceção de subvalorização em Portugal, contrastando com a legitimação que considera merecer no contexto internacional. Esta dualidade revela a tensão entre a procura de validação externa e o sentimento de frustração decorrente da ausência de consagração no próprio país.

Outra temática relevante é a excentricidade no meio artístico, que se assume como um fator distintivo na construção da identidade pública. No caso de José Cid, a singularidade das suas declarações não se limita a um mero traço de personalidade, mas configura-se como uma estratégia discursiva deliberada, destinada a reforçar a sua visibilidade e a garantir a sua contínua relevância no espaço mediático.

A análise semiótica pode ser examinada em dois níveis distintos: o denotativo, que diz respeito ao significado literal das mensagens transmitidas, e o conotativo, que envolve as

interpretações simbólicas e culturais associadas. No plano denotativo, evidencia-se o uso de linguagem verbal, visual e sonora. Joana Marques utiliza citações diretas das declarações de José Cid, destacando-se a expressão “Rei da Patagónia” como particularmente representativa. O vídeo integra ainda imagens de entrevistas e intervenções públicas do músico, acompanhadas por uma banda sonora cuidadosamente ajustada ao tom satírico. Além disso, os efeitos sonoros e as pausas estratégicas contribuem para acentuar a dimensão humorística da análise, enfatizando a literalidade das afirmações proferidas.

No nível conotativo, a expressão “Rei da Patagónia” ultrapassa a sua interpretação literal, assumindo um significado simbólico. Não se trata de um título oficial, mas da construção de uma identidade associada ao poder, ao sucesso e ao reconhecimento artístico que José Cid reivindica para si. A escolha da Patagónia, uma região remota e extensa, sugere a sua autoperceção enquanto pioneiro incompreendido, marginalizado pelo meio cultural a que pertence. Assim, a autoproclamação como “rei” pode ser interpretada como um mecanismo de autoafirmação face à perceção de subvalorização no seu próprio contexto artístico.

A ironia emerge como um recurso fundamental na desconstrução discursiva realizada por Joana Marques. O seu registo humorístico contrasta com a seriedade do discurso de José Cid, evidenciando o desfazamento entre a sua autoperceção e a realidade social. A repetição de determinadas expressões, aliada ao uso de efeitos sonoros de carácter cómico, intensifica a conotação de exagero, ampliando a discrepância entre o discurso e o contexto em que é enunciado. Este contraste funciona como uma crítica implícita ao narcisismo e à falta de autocrítica, que, em certas circunstâncias, se manifesta no comportamento de figuras públicas.

Neste contexto, determinados símbolos assumem uma significativa carga semiótica. O termo “rei” remete para a noção de poder e autoridade simbólica, mas, no registo satírico, é ressignificado como uma manifestação de arrogância ou autoconfiança excessiva. Paralelamente, a referência à Patagónia, um território remoto e quase lendário, sugere a discrepância entre as aspirações de grandeza e o efetivo reconhecimento público. A inclusão de uma trilha sonora humorística reforça esta desconstrução, indicando que as declarações do músico são interpretadas como desproporcionadas e caricaturais.

Em suma, a análise semiótica evidencia uma dualidade relevante entre o nível denotativo, que expõe as declarações de forma literal, e o nível conotativo, que explora as suas implicações culturais e simbólicas. A rubrica conduzida por Joana Marques vai além da

crítica individual, promovendo uma reflexão mais abrangente sobre as dinâmicas do meio artístico, os processos de construção da imagem pública e a divergência entre a autopercepção e o reconhecimento social efetivo.

v) “A Próxima Presidente da República” (10 de janeiro de 2025)

O episódio intitulado “A Próxima Presidente da República” apresenta uma análise crítica e satírica à candidatura de Joana Amaral Dias à Presidência da República, utilizando o humor como ferramenta de reflexão social. A abordagem humorística incide sobre diversos aspetos associados à trajetória da candidata, nomeadamente as controvérsias relacionadas com a disseminação de desinformação durante a pandemia de COVID-19 e as suas posições públicas relativamente a questões de identidade de género. Além disso, o episódio examina a sua presença nos meios de comunicação social, explorando a sua participação em diferentes plataformas mediáticas, a sua interação com o público através das redes sociais e o seu envolvimento em debates políticos e programas de entretenimento.

A análise semiótica do episódio evidencia o recurso a estratégias discursivas e visuais que potenciam a intencionalidade crítica da narrativa. No plano da denotação, identificam-se elementos explícitos, tais como a linguagem verbal utilizada por Joana Marques, as referências factuais às declarações de Joana Amaral Dias e a organização discursiva estruturada em torno de exemplos concretos. Estes aspetos denotativos constituem a base informativa do discurso, assegurando a clareza e a compreensão dos factos apresentados pelo público, sem margem para ambiguidades.

No entanto, é no plano da conotação que a crítica humorística se manifesta de forma mais enfática. A entoação sarcástica adotada por Joana Marques, aliada às suas expressões faciais, gestualidade e escolhas lexicais, confere à narrativa um subtexto irónico que ultrapassa a mera apresentação de factos. O uso de termos ambíguos com duplo sentido, bem como a edição de vídeo, que intercala os comentários da humorista com excertos de intervenções públicas de Joana Amaral Dias, reforça a construção de um discurso conotativo. Esta estratégia discursiva acentua as contradições e fragilidades da candidatura analisada, contribuindo para a consolidação da dimensão crítica do episódio. Adicionalmente, a interação entre a dimensão verbal e a componente visual intensifica a intencionalidade crítica do discurso. A seleção estratégica de imagens específicas orienta a interpretação do público, promovendo leituras valorativas que transcendem a

neutralidade informativa. Paralelamente, a utilização da trilha sonora e de efeitos sonoros realça momentos-chaves da narrativa, contribuindo para a construção de uma atmosfera que direciona a receção crítica do conteúdo apresentado.

Em suma, o episódio representa um exemplo paradigmático do papel da comunicação humorística como meio de análise social e política. Mediante a articulação entre elementos denotativos e conotativos, Joana Marques elabora uma narrativa que não se limita a transmitir informação, mas também incentiva o público a refletir criticamente sobre as repercussões sociais e políticas da candidatura de Joana Amaral Dias.

2.2.1. Discussão global dos resultados

A análise desenvolvida ao longo deste estudo revela que a eficácia do discurso humorístico no programa *Extremamente Desagradável* depende, em grande medida, da organização precisa da linguagem, em particular da ordem das palavras. Esta não constitui um mero detalhe estilístico, mas, sim, um elemento estrutural fundamental para a produção do efeito humorístico pretendido. Qualquer alteração na disposição lexical pode comprometer a ambiguidade propositada, o ritmo discursivo e a intencionalidade crítica da mensagem, diminuindo a sua eficácia comunicativa.

Neste sentido, a construção humorística exige não só criatividade, mas também um processo de escrita rigoroso, pautado por escolhas linguísticas conscientes que assegurem a coerência interna do discurso e a clareza da crítica subjacente. A articulação entre ironia, paródia, hipérbole e outros recursos expressivos depende de uma sintaxe cuidadosamente trabalhada, que permita ao público interpretar corretamente os múltiplos níveis de significado – tanto denotativos como conotativos – presentes em cada episódio. Este cuidado formal é essencial para preservar a intencionalidade comunicativa do humor, assegurando que este funcione simultaneamente como mecanismo de entretenimento e instrumento de análise crítica da realidade social e política.

No que respeita ao conteúdo temático, o programa privilegia predominantemente um enquadramento político e social, abordando acontecimentos da atualidade sob uma perspetiva satírica. Cada episódio incide sobre um número limitado de temas, geralmente associados a eventos mediáticos recentes, ilustrados com pequenos excertos de vídeos — como entrevistas, declarações públicas ou transmissões televisivas — criteriosamente selecionados pelo seu potencial humorístico.

Entre os recursos expressivos mais utilizados, sobressai a seleção intencional de fragmentos discursivos com forte carga simbólica, frequentemente acompanhada da reprodução caricatural da voz de figuras públicas por Joana Marques. Esta técnica, que combina um registo espontâneo com uma orientação crítica bem definida, acentua o carácter performativo do humor e torna mais eficaz a exposição de incoerências e contradições nos discursos analisados, ao mesmo tempo que facilita a compreensão por parte do público.

A ironia, o sarcasmo, a hipérbole, a paródia e o duplo sentido constituem elementos estruturantes do programa, sendo complementados por textos minuciosamente elaborados e pela incorporação de excertos em vídeo que intensificam a intencionalidade cômica. A utilização de trocadilhos satíricos é igualmente uma estratégia recorrente, contribuindo para a construção de um discurso coeso e eficaz na comunicação da mensagem humorística.

Neste contexto, a dimensão lúdica do programa não compromete a sua função informativa, permitindo que os espectadores se mantenham atualizados de forma descontraída. A variação tonal, em articulação com o uso de trocadilhos e referências socioculturais, confere dinamismo ao discurso, enquanto a interação entre as apresentadoras facilita a compreensão das mensagens transmitidas. Esta estratégia comunicativa favorece a assimilação de conteúdos relevantes, integrando o entretenimento no processo de difusão da informação.

Os vídeos apresentados são extraídos de noticiários televisivos, entrevistas e eventos públicos, reforçando a conexão entre o humor e as fontes convencionais de informação. O ritmo moderado do programa contribui para a acessibilidade dos temas abordados, evitando dificuldades na sua perceção e mantendo o interesse do público, dado que não há pausas prolongadas, intervalos ou momentos de silêncio que possam comprometer a fluidez discursiva. A estrutura dos episódios mantém uma configuração estável e uniforme, tornando dispensável a análise de episódios individuais para compreender o modelo discursivo subjacente ao programa.

O formato assume um papel significativo ao abordar temas atuais e controversos, estimulando o pensamento crítico e promovendo o debate de ideias. Através do humor, fomenta-se a reflexão sobre questões sociopolíticas, incentivando o público a considerar diferentes perspetivas e a aprofundar a sua compreensão dos temas em análise.

A forma como as apresentadoras estruturam e conduzem cada episódio contribui para a consciencialização política e social, incentivando a participação cívica, valorizando a

diversidade de opiniões e estimulando tanto a criatividade quanto a reflexão crítica dos espectadores. Nesta ótica, o humor ultrapassa a sua função meramente recreativa, assumindo-se como um mecanismo de análise e interpretação social, apto a expor incoerências, a questionar normas estabelecidas e a promover a reflexão coletiva.

A eficácia comunicativa do programa assenta na sua clara intencionalidade satírica, a qual, ainda que ocasionalmente reiterativa, não compromete a relevância dos temas abordados. O humor surge, assim, como um instrumento eficiente de mediação informativa, permitindo a desconstrução de discursos institucionais e a apresentação de perspectivas alternativas, assegurando que a mensagem seja transmitida de forma acessível e envolvente, sem desvalorizar a sua pertinência ou veracidade. Deste modo, evidencia-se o papel do humor enquanto veículo de representação social e política, possibilitando a problematização de realidades contemporâneas e contribuindo para o estímulo do pensamento crítico e da cidadania ativa.

3. Conclusão

A presente investigação, centrada no programa *Extremamente Desagradável*, destaca a função multifacetada do humor enquanto prática comunicacional no âmbito do infoentretenimento. Ao ultrapassar a sua função exclusivamente recreativa, o humor manifesta-se como uma ferramenta discursiva de considerável importância, capaz de transformar informação em entretenimento, facilitando a compreensão de temas complexos e incentivando a reflexão crítica sobre questões sociais e políticas. A análise realizada permitiu compreender como o humor, ao recorrer a recursos discursivos específicos, intervém na construção e desconstrução de narrativas mediáticas, promovendo a participação do público nos temas em discussão.

3.1. Relevância do Estudo

O presente estudo sublinha a importância do humor enquanto instrumento de comunicação social e política, especialmente no contexto contemporâneo, em que os meios de comunicação enfrentam desafios crescentes na captação e retenção da atenção do público. A análise do programa *Extremamente Desagradável* revela que a incorporação do humor no infoentretenimento vai além da simplificação de temas complexos, promovendo também a adoção de uma postura crítica por parte do público em relação à informação transmitida. Além disso, destaca a capacidade do humor para

questionar discursos dominantes, expor incoerências e estimular o debate democrático, contribuindo assim para a formação de uma cidadania mais consciente e participativa.

3.2. Limitações da Investigação

Embora a presente investigação tenha oferecido contribuições significativas, é importante reconhecer algumas limitações. O *corpus* de análise, composto por episódios específicos de uma única semana de janeiro de 2025, limita a generalização dos resultados para o conjunto global do programa ou para outros formatos de infoentretenimento humorístico. Além disso, a abordagem metodológica qualitativa, embora minuciosa e interpretativa, não permite quantificar o impacto do humor na percepção do público, aspeto que poderia ser explorado de forma mais aprofundada com o uso de métodos quantitativos complementares, como inquéritos ou análise de audiências. Outra limitação relevante refere-se à ausência de uma análise crítica do discurso mais aprofundada, a qual poderia oferecer uma compreensão mais detalhada das ideologias subjacentes ao conteúdo humorístico.

3.3. Perspetivas Futuras

As conclusões alcançadas traçam direções para investigações futuras, que devem aprofundar as implicações socioculturais e políticas do humor em diferentes contextos mediáticos. Seria relevante a realização de estudos comparativos entre programas de infoentretenimento de diferentes países, assim como a análise da receção do público em relação a diferentes estilos de humor e suas variações culturais. Além disso, dada a crescente digitalização do consumo mediático, torna-se pertinente investigar como as plataformas digitais influenciam a produção e disseminação de conteúdos humorísticos, e de que maneira essas dinâmicas impactam o debate público e a formação da opinião social. Outra área promissora para investigações futuras é a aplicação da inteligência artificial na análise de conteúdos humorísticos, permitindo uma avaliação automatizada e em larga escala das tendências discursivas, da receção do público e das implicações sociopolíticas do humor nos meios de comunicação.

Em síntese, a presente investigação destaca a relevância do humor como uma prática discursiva essencial para a análise social e política contemporânea, além da sua função de entretenimento. Ao utilizar recursos como a sátira, a paródia e a ironia, o humor revela-se uma ferramenta eficaz para promover o pensamento crítico, contestar normas vigentes

e estimular a participação cívica, consolidando-se como um elemento comunicacional de grande impacto no atual panorama mediático.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A., & Sousa, H. (2024). The power of laughter: Emotional and ideological gratification in media. *Societies*, 14(9), 164. <https://doi.org/10.3390/soc14090164>
- Barthes, R. (2018). *Elementos de semiologia* (Trad. M. M. Barahona). Edições 70
- Baumgartner, J. C., & Becker, A. B. (Eds.). (2020). *Political humor in a changing media landscape: A new generation of research*. Lexington Books.
- Boukes, M. (2019). Agenda-setting with satire: How political satire increased TTIP's saliency on the public, media, and political agenda. *Political Communication*, 36(3), 426–451. <https://doi.org/10.1080/10584609.2018.1498816>
- Braun, V., Clarke, V. (2006). Using Thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bruns, A. (2008). *Blogs, Wikipedia, Second Life, and beyond: From production to produsage*. Peter Lang.
- Camponez, C., Baptista, C., & Amado, A. (2020). *Teorias do Jornalismo: Contextos e práticas das abordagens clássicas às contemporâneas*. Alêtheia Editores.
- Camponez, C., Ferreira, G. B., & Rodríguez-Díaz, R. (Orgs.). (2020). *Estudos do agendamento: Teoria, desenvolvimentos e desafios — 50 anos depois*. LabCom. <https://labcom.ubi.pt/estudos-do-agendamento-teoria-desenvolvimentos-e-desafios-50-anos-depois/>
- Cardoso, G., Baldi, V., Quintanilha, T., & Paisana, M. (2020, julho). *Pandemia e consumos mediáticos*. Obercom. https://obercom.pt/wp-content/uploads/2020/10/Final_Pandemia_media_Geral.pdf
- Cardoso, G., & Moreno, J. (2016). Os desafios da sociedade em rede. In G. Cardoso, C. Magno, T. M. Soares, & M. Crespo (Eds.), *Modelos de negócio e comunicação social* (pp. 113–135). Almedina.
- Charaudeau, P. (2006) Des catégories pour l'humour. *Questions de communication: humor et média. Dé finitions, genres et cultures*, 10, 19–41. <https://doi.org/10.4000/questionsdecommunication>
- Dijkstra, R., & van der Velde, P. (2022). *Humour in the beginning*. <https://doi.org/10.1075/thr.10>
- Dokuchaev, V. A., & Derenchuk, O. V. (2024). The attitude to humor as a pedagogical tool in the period of antiquity. *Russian Journal of Education and Psychology*, 15(3), 241–256. <https://doi.org/10.12731/2658-4034-2024-15-3-517>
- Feldman, L. (2007). The news about comedy: Young audiences, *The Daily Show*, and evolving notions of journalism. *Journalism*, 8(4), 406–427. <https://doi.org/10.1177/1464884907078655>
- Furnari, S., Crilly, D., Misangyi, V. F., & Greckhamer, T. (2020). Capturing causal complexity: Heuristics for configurational theorizing. *Academy of Management Review*, 45(4), 645–667. <https://doi.org/10.5465/amr.2017.0435>
- García, J., & Ángel C. (2014). El humor en los medios de comunicación: estudio de los guiñoles y sus efectos en las opiniones políticas. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=56901>

- Iyengar, S., Kinder, D. R. (1987). *News that matters: Television and American opinion*. University of Chicago Press
- Kowalewski, J. (2012). Does humor matter? An analysis of how hard news versus comedy news impact the agenda-setting effects. *Journal of Mass Communication Studies*, 28(1), 1–29. <https://journals.tdl.org/swecjmc/index.php/swecjmc/article/view/53>
- Lecheler, S., Vreese, C. H. (2019). News framing and public opinion: A mediation analysis of framing effects on political attitudes. *Journal of Communication*, 69(3), 303–324. <https://doi.org/10.1093/joc/jqz019>
- Luhmann, N. (1971). *Politische Planung: Aufsätze zur Soziologie von Politik und Verwaltung*. Westdeutscher Verlag
- Mayuuf, H. H., & Nashaat, O. O. (2021). A semantic-syntactic study of ambiguity in humorous contexts. *Ilkogretim Online*, 20(5), 574–580. <https://www.ilkogretim-online.org/index.php/io/article/download/1199/index.php?mno=54658>
- McCombs, M. E., Shaw, D. L. (1972). The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, 36(2), 176–187. <https://doi.org/10.1086/267990>
- Meier, M. R. (2023). The history of stand-up: From Mark Twain to Dave Chappelle. *Studies in American Humor*, 9(2), 298–301. <https://doi.org/10.5325/studamerhumor.9.2.0298>
- Mendez García de Paredes, E. (2014). La parodia informativa como frivolidad del discurso político. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, 59(59), 61–91. https://doi.org/10.5209/REV_CLAC.2014.V59.46709
- Meraz, S. (2009). Is there an elite hold? Traditional media to social media agenda setting influence in blog networks. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 86(3), 548–564. <https://doi.org/10.1177/107769900908600307>
- Noelle-Neumann, E. (1974). The spiral of silence: A theory of public opinion. *Journal of Communication*, 24(2), 43–51. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1974.tb00367.x>
- Pariser, E. (2011). *The filter bubble: What the Internet is hiding from you*. Penguin Press.
- Renascença. (n.d.). *Extremamente desagradável* [programa de rádio]. Rádio Renascença. <https://rr.pt/extremamente-desagradavel>
- Rezeki, T. I., Sagala, R. W., & Rabukit, R. (2024). From humor to impact: Internet memes in political discourse through (de)legitimization. *Evolutionary Studies in Imaginative Culture*, 8(1), 746–762. DOI: 10.70082/esiculture.vi.788
- Salgado, A. (2011). Actualidad, humor y entretenimiento en los programas de televisión: de la terminología a la realidad profesional. *Tripodos*, 27, 59–73. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5840467>
- Shaw, D. L., & McCombs, M. (1994). *The emergence of American political issues: The agenda-setting function of the press*. West Publishing Company. https://openlibrary.org/books/OL4554113M/The_emergence_of_American_political_issu es
- Shoemaker, P. J., & Vos, T. P. (2009). *Gatekeeping theory*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203931653>
- Surahmat, S., & Wijana, I. D. P. (2023). Humor as a political act: Study of Indonesian presidents' humor. *Journal of Language and Literature*, 23(1), 125–139. <https://doi.org/10.24071/joll.v23i1.5097>
- Takovski, A. (2019). Coloring social change: Humor, politics, and social movements. *Humor: International Journal of Humor Research*, 1(4), 485–511. <https://doi.org/10.1515/HUMOR-2019-0037>

- Tavadze, L. (2024). Irony, analysis and text interpretation. *The Eurasia Proceedings of Educational & Social Sciences*, 33, 261–265. <https://doi.org/10.55549/epess.823>
- Temes, D. B. (2023). Efekt humorystyczny w dowcipach werbalnych z perspektywy lingwistyki kognitywnej. *Rozważania teoretyczne i analiza empiryczna*. <https://doi.org/10.18276/978-83-7972-645-5>
- Weisfeld, G. E., & Weisfeld, C. C. (2024). *Humor* (pp. 543–564). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197544754.013.23>
- Yuldoshev, U. R. (2017). The usage of stylistic devices: Metaphor, metonymy, hyperbole in Uzbek and English humorous texts. *Science, Philosophy and History*, 8(1), 84–92. <https://doi.org/10.24044/SPH.2017.1.12>
- Zhang, Y. (2023). *Political comedy and the public sphere*. [Dissertação de doutoramento, Northeastern University]. Digital Repository Service. <https://doi.org/10.17760/d20467298>

